



Chrys Chrystello*

Ressurrecto (parte 3)

“Eu fecho os olhos, só os abro para ver a minha Nini aqui ao lado, mais impressionada e assustada que eu, mas sempre à espera que terminem as torturas.”

Maio 2ª fª, dia 6

Noite muito agitada, acordei 2 ou 3 vezes e fui ao WC sem necessidade mas por mera vontade de me sentir vivo.

Pelas 06.00 as recolhas de amostras do costume e febre mais baixa do que é costume, acompanhada da costureira série de recolhas de sangue, mostras disto e daquilo.

Acordo sempre com a terrível falta da Nini. Tento ser os dois apesar de fisicamente ninguém saber que está ao meu lado. Não é fácil explicar a mim mesmo o que se passa e ela sempre a instilar coragem e força, dizendo “tudo vai ficar bem” ou “melhor” e vou sair desta, mas tenho muito medo de ir para casa e viver sozinho.

Acabo de ter uns momentos com resultados positivos para quem esteve de ama tantos dias. Outra terapeuta e mais 30’ de exercício, cansado como se tivesse corrido a maratona, agora estou no sofá e a cabeça pesa imenso, que nem a consigo suportar. Fico muito desconfortável.

Toda a instabilidade desta situação coloca-me num vértice de tempo em que fico pendurado no espaço por infinita opção do destino. Vivo, quicá, numa outra dimensão onde tudo está suspenso. Por vezes, sinto mesmo que não estou aqui mas numa posição superior de onde me observo e analiso e é assim que me considero agora. Sei que me faz sentir estranho mas o vizinho da cama ao lado é agoriano se bem que não fale outras línguas e o falar dele eu não o compreendo, isso vem-me preocupando há dias e tem-me feito magiar.

Hoje, de manhã ele teve duas visitas e entendo que podem ter falado crioulo ou romani pelo que o entendi ainda menos. E as visitas, segundo esprietei, tinham feições gitanas. Creio não ter dúvidas mas não entendo os meus vizinhos de cama nem de ilha.

Interrompo este diário de bordo, como lhe chamou a enfermeira Ana, trigueira, que me confessou estar já a ler os meus livros e ter até descoberto que fui batizado como José Alberto.

Fui chamado a uma sala escura e frisa. Lembrei-me de Salazar, vá-se lá saber porquê. Ali fiquei seminu, deitado sobre o lado esquerdo e de costas enquanto me faziam ecocardiogramas ou coisa semelhante a eletrocardiografias.. regressei ao quarto, onde um dos 3 doentes teve hoje alta e fico só com o estranho ser de fala alienígena e que nunca consegui decifrar...

Muitas vezes, nos locais onde vivi, nem metas tive (exº Macau), nem destinos, nem rumos certos. Havia uma falta de metas, um deixar correr, mais traços gerais do que queria e onde queria.

Quando penso nisto sou obrigado a pensar que, afinal, esses destinos, essas metas afinal só o eram depois da partida desses mesmos lugares (uma justificação?), outros lugares de amor eram terras a preservar, memórias a chorar, como pátrias que me foram roubadas.

E, dito isto, ora penso, e os Açores o que são? Por vezes, penso neles como a continuação da Escola Primária.

E o vizinho, gutural, continua a proferir sons que não descodifico, que não fazem nenhum sentido, que não se assemelham a nenhuma das línguas que conheço... ao ouvi-lo posso afirmar que os de Rabo-de-Peixe ou de Fenais da Ajuda, nem terão grande sotaque. Isto que ouço são sons trogloditas, sem conexão a idioletos, dialetos conhecidos. Imagino o diálogo se fossemos, nós dois, os únicos habitantes desta ilha deserta!.

17 horas, febre nos 35.9 °C, todo o dia, finalmente sem febre. Há pouco nos exames de EEC falavam em deixar-me regressar na quinta-feira. Previ e cumpriu-se a não vinda do João hoje.

Das inúmeras vezes que fui ao WC a fim de evitar “incidentes duplos” constatei ter já mais mobilidade e estabilidade ao andar.

Ligou, há pouco a Anabela, e debatemos futuros colóquios com que ela e Madrugá se podem já entreter.

13.5.2025 dormi bem, apenas me levantei uma vez, mas acordei com dores na ferida que tarda em sarar e se refere à pressão nas costelas...

a manhã teve a presença de um médico que entrou a meio da sessão do EEC a querer saber tudo, em detalhe, o que se passara bem como a

Dra. Gabriela que, entretanto, também entrou. Vão continuar a fazer testes quanto aos baixos níveis de potássio. Hoje, de novo, sem febre. Talvez me deixem sair amanhã. Quando me comunicaram a possível saída amanhã tenho de confessar que fui assaltado pelo imenso medo de sobreviver sozinho.

Espero que estejam certos pois o retomar da vida neste network de apoio reduzido atemoriza. A Berta está nas quintas, e segundas de 15 em 15 dias. O João e Catarina vivem aqui perto, logo na entrada da Lomba. Além deles posso chamar o senhorio Sr. Hermano, a D Rosa do mini-mercado e a sempre atenta governanta D. Berta.

O João soube da hipótese quando veio cá na pausa de almoço e avisou que tem o carro em manutenção até pelas 17.00 de amanhã pelo que só me poderá transportar a essas horas.. não sei quem mais devo avisar.

Até hoje o serviço hospitalar tem sido muito bom. Ainda agora passamos pela terceira ou quarta vez desde manhã cedo, a ver se alguém precisa de esvaziar os recipientes portáteis da urina em cada cama.

Ao fim da manhã, a brigada do reumático (o pessoal mais velho de todos) limpa o pó, o chão e passa a esfregona.

A tarde a tirar cateteres e disfarçando as enormemente assustadoras nódoas negras que traçam o meu corpo como as fossas do Mindanao, um mapa-múndi... eu fecho os olhos, só os abro para ver a minha Nini aqui ao lado, mais impressionada e assustada que eu, mas sempre à espera que terminem as torturas. A seguir, as pálpebras fecham e cá estou na enfermaria de 3 doentes.

Não sou suicida nem tenho vontade de o ser, desde a morte da minha Nini sempre disse que me queria juntar a ela, mas o facto de estar um héli parado na Terceira pronto a ir às Flores buscar-me, significa que ainda não faço parte do Grande Desígnio Universal da Partida.

Cá ficarei, afinal a Nini mandou-me tomar conta da cadela e tenho de ficar.

14.5.2025

Creio que estou aqui há 18 dias no HDES e pode ser que deem alta hoje, de tarde. Soba janela fica a entrada da Pneumologia (onde tantas vezes viemos) e acaba de parar uma ambulância dos Bombeiros, curiosamente com a metade da porta por pintar pelo que se lia apenas “BOMB”, o que daria lugar a 1001 cogitações curiosas.

11.00 acabei agora o duche ajudado pela assistente sendo depois observado por 2 médicos que inspecionaram o implante e entenderam que estava bem. A saída para hoje pode confirmar-se.

Esta tarde a filha Bé telefonou a saber da saída. Honestamente disse-lhe não saber, nem estar preocupado, o que deveria ter-lhe dito é que não tenho pressa alguma. Tenho medo de tudo, até do tráfego intestinal que de 3 em 3 dias se descoordena, como hoje em pleno duche e me deixa mais embaraçado que nunca. Isto são coisas de que ninguém mais fala mas a mim me afetam psicologicamente até ao tutano.

Tenho imenso medo de ter de usar fraldas no futuro, o que me limitaria totalmente, acabando com os colóquios e tudo o resto. Seria um recluso.

São verdades que ainda não tenho de partilhar exceto com estas enfermeiras, médicos e auxiliares.

Realidades que os outros que me rodeiam ignoram ou não estão interessados em saber sobre a fragilidade do corpo humano doente. Já não sou o mesmo que estava nas Flores a 26 de abril 2025.

Ganhei coragem, fui à receção perguntar “saio hoje?” e tive alta pelas 17.00. aguardo que o filho me venha buscar e transportar a casa donde saí a 23.4.2025. “Mixed feelings” but “she’ll be right, mate!” acabam por encapsular estes momentos finais no HDES.

O João decidiu tomar conta do pai e ir jantar e dormir a minha casa. Bem hajas filho.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)